



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16318 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

CORPOREIDADES E DOCÊNCIA NA/COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
 Rosa Malena de Araújo Carvalho - UFF - Universidade Federal Fluminense

CORPOREIDADES E DOCÊNCIA NA/COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Indagando pelos gestos pedagógicos que relaciona a *corporeidade* – o corpo como construção social (Berti, Carvalho, 2017) - com uma docência comprometida com o direito à educação, como professora credenciada em programa de pós-graduação em que a educação é afirmada como direito e dever, distinguindo-a dos sentidos de carência, incapacidade e suplência, apresento pesquisa que finalizou a etapa inicial. Interrogando as formas como os corpos e as práticas corporais se fazem presentes na educação de pessoas jovens e adultas (EJA), objetivamos contribuir com uma pós-graduação comprometida com propostas curriculares e políticas educacionais que buscam romper com a produção desigual de existência.

Especialmente pela filosofia da educação (Butler, 2018; Larrosa, 2004; Masschelein, Simons, 2014, dentre outros/as) e, com a metodologia de pesquisa com/nos cotidianos (Certeau, 2014; Alves e Oliveira, 2019; Oliveira, Peixoto, Sússekind, 2019), essa investigação compreendeu as experiências corporais como frutos de diferentes tensões, particularmente entre direitos e desigualdades. Nesse movimento, fundamental foi partir do encontrado nos diferentes contextos, entendendo-os como resultado da produção histórica dos significados atribuídos ao corpo, ao conhecimento e à vida, para interrogar o que é considerado “básico” na EJA, na produção de sentidos que contribuam com a transformação da realidade adversa a alguns dos modos de viver. Abordar essa discussão na formação continuada interessa a todo o campo educativo, ao compreendermos que não só as condições materiais da vida em

sociedade são diferentemente acessadas, mas a própria possibilidade do viver é distribuída desigualmente. O que significa que uma pós-graduação, ao questionar a produção das desigualdades sociais, afirma a vida; relaciona os saberes com os direitos assegurados e o pertencimento político; reconhece a força dos processos formativos na construção de um mundo em comum.

Na pesquisa realizada, examinamos algumas das categorias e estruturas que reproduzem hierarquizações, explorações, submissões (Butler, 2018) e estão marcadas nos corpos, procurando identificar e criar composições que promovam formas coletivas de conduzir a vida. Para Certeau (2014), como “não há direito que não se inscreva sobre corpos. Ele domina o corpo” (p. 231), o autor destaca o poder do saber, indicando que os corpos se fazem pela impressão simbólica e ambivalente da razão e da lei. Ao concordar com essa premissa, tornamos imprescindível discutir e inserir possibilidades de corpos e práticas corporais como constituintes de processos formativos, políticas e currículos que rompam a força dos processos excludentes, hierárquicos, de subalternização da vida de alguns.

No diálogo com a formação e o contexto escolar, ainda encontramos o viés docilizante e disciplinarizador fazendo parte do processo hegemônico de compreensão e inserção dos corpos. Ao mesmo tempo, há tensionamento dessa lógica, com a presença de redes de convivências, constituídas por diferentes sujeitos e saberes, nas quais os estudantes partem das suas narrativas, dores, alegrias, histórias, dos seus corpos em movimento. O que pode reverter o que está aparentemente dado, como se fossem verdades absolutas e únicas, afinal, “Tudo sempre pode ser de outra maneira e o que aceitamos como ordem natural nada mais é do que uma sedimentação de práticas hegemônicas marcadas pela exclusão, instituídas por atos de poder, de outras possíveis ordens (...)” (Lopes, 2013, p. 16-17).

Dentre essas outras possibilidades estão as experiências. Na perspectiva daquele que se expõe, está presente, não o “(...) sujeito firme, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, autodeterminado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade” (Larrosa, 2004, p. 163). Uma experiência pouco valorizada é o movimento corporal compreendido na dinâmica sócio-histórica, deixando de ser abstrato, distante da realidade em que se faz. Ao situá-lo em sua realidade histórica, cultural e, portanto, social, percebemos que as formas de conhecer o corpo estão inseridas nas relações e sentidos sociais (produto coletivo da vida humana). Assim, contextualizar as expressões e linguagens corporais hoje excluídas e negadas pode auxiliar a organizar e dar sentido emancipador à escola e, nesta condução, a corporeidade pode constituir-se em uma possibilidade de olhar, de outras formas, para o que existe, explorando as tensões sociais de marcadores sociais no corpo, como o gênero, a idade cronológica, a cor da pele, o volume corporal, entre outros.

Importante ressaltar que não defendemos um tipo/conjunto de corpo e de práticas corporais para uns e; outro tipo/conjunto para outros/as – isso seria defender uma formação continuada e uma escola dual. Para nós, afirmar que a “(...) democratização do ensino garante a todos o direito à educação, tendência fundamental para consolidar uma concepção de escola

para servir a muitos e não a uma minoria” (Alvarenga, 2016, p. 135), possibilita reconhecer a necessidade de considerar as políticas que se fazem com e a partir dos corpos. Potencializar essa ideia, na dinâmica heterogênea e complexa da EJA, é conhecer o contexto, histórico, que produz as condições precárias e desiguais da vida em sociedade. O processo de questionar, aprofundar, relacionar essas ideias com a docência na/com a EJA, nos faz apreciar a pós-graduação em educação *locus* privilegiado para estudar e compor com diferentes vozes e inserções que fazem a educação pública existir e encaminhar novas perspectivas, consolidando currículos e políticas que efetivem o caráter público como bem comum.

Nossos resultados, em trabalho conjunto com os e as pós-graduandos/as do grupo de pesquisa, vem contribuindo com a desnaturalização dos processos desiguais de produção da vida, de diferentes maneiras: por partir da realidade dos/as estudantes (auxiliando a compreender quem são os sujeitos da EJA); inserir a temática da corporeidade no cotidiano das aulas possibilita trabalho conjunto com diferentes elementos curriculares e; essa ação conjunta vem indicando que os gestos e planejamentos docentes iniciem pelas linguagens, expressões, marcas corporais. As considerações finais trazem o resultado de esforços acumulados para desdobrar a pesquisa, assim como indicativos para uma nova política de currículo e de corpo – nas quais a vida de todos/as e de qualquer um/a seja reconhecida, valorizada, junto com a avaliação do contexto e da produção histórica da existência.

Palavras-chave: Corporeidades. Experiências. Políticas do corpo. Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Referências

ALVARENGA, Marcia. A Educação de Jovens e Adultos no PNE 2014-2024: entre os ajustes econômicos e os direitos sociais na atual conjuntura de crises no Brasil. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 13, n. 33, p. 121-138, 2016.

ALVES, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos curriculares para pensar as escolas hoje*. São Paulo: Cortez, 2019.

BERTI, Andreza; CARVALHO, Rosa Malena. Notas sobre a corporeidade e Educação de Jovens e Adultos no diálogo com o filme brasileiro A história da eternidade. *Imagens da Educação*, v.7, p.97 - 105, 2017.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano 1 – artes de fazer*. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOPES, Alice. *Teorias pós-críticas, política e currículo*. Educação, Sociedade & Culturas, nº 39, 2013, 7-23.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola – uma questão pública*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014a.

OLIVEIRA, Inês; PEIXOTO, Leonardo & SÜSSEKIND, Maria Luiza (orgs.). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente*. Curitiba: CRV, 2019.